



Literatura de Cordel como traço da identidade cultural em Juazeiro do Norte

Maria José Oliveira¹

Resumo:

Considerada por muitos como o “jornal do sertão”, a Literatura de Cordel assume papel preponderante na construção da identidade cultural do povo nordestino. Este estudo objetiva observar as contingências que favoreceram o florescimento desta modalidade literária como um dos mais marcantes traços da cultura popular na cidade de Juazeiro do Norte. Para isto, buscou-se aporte na gênese da cidade, na figura de seu fundador, além da trajetória do próprio folheto.

Palavra-chave:

Literatura de Cordel, Juazeiro do Norte, Padre Cícero

Introdução

As manifestações culturais são resultados da mútua e contínua interação entre agentes de determinadas regiões que compartilham padrões de crenças e comportamentos. Sejam elas populares ou não, tais manifestações criam vínculos, ofertando cores e tonalidades a um determinado povo, coexistindo em uma sociedade onde estas se intercalam, se apropriam umas das outras e se transubstanciam. Este processo da metamorfose se justifica até mesmo em função de não deixar cair no esquecimento algumas tradições, em função de diversos fatores, entre eles o avanço tecnológico, gerando meios de comunicação de massa dos mais diversos e cada vez mais acessíveis, alterando assim, os costumes do público que os consomem.

Toda manifestação cultural abriga em si uma forma de comunicação. Sob o título de “FOLKCOMUNICAÇÃO, a comunicação dos marginalizados”, Beltrão abre portas para a discussão desta comunicação que, na maioria dos casos, é obscura e ofuscada pelos meios tidos como “tradicionalistas”.

¹ Graduada em Artes pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Mestra em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.



As Raízes do Juazeiro

“Na alma do sertanejo reverdece a esperança como a chuva faz reverdecer toda a terra crestada. A secura de morde se transforma num brotar verde de vida da noite para o dia — é o milagre do renascimento do vegetal”. (MAYNARD ARAÚJO, 1972, p. 35)

Situado ao sul do estado do Ceará, o Vale do Cariri foi habitado inicialmente pelos índios cariris², a quem se deve o nome que ostenta. Devido a sua beleza e fertilidade, muitos acreditavam o vale ser uma espécie de oásis, a Terra Prometida. *“...constitui um vale muito fértil, circundado pela Chapada do Araripe, de onde escoam veios permanentes de água que irrigam os canaviais, o que não significa que esteja livre das secas, mas ameniza bastante seus efeitos”*. (CARVALHO, 1999, p 21).

Os cariris, guerreiros e belicosos, defendiam seu “paraíso” de outras tribos que almejavam suas riquezas. As tribos inimigas, protagonistas de cenários de guerra, eram os *Carius*, os *Calabaças* e os *Inhamuns*. Conta-nos a lenda³ que um descendente de escravo, que vivia em uma fazenda de gado no interior da Bahia, às margens do Rio São Francisco, ainda criança, ousou desbravar as matas e alcançou o vale. Chegando lá, este jovem foi capturado pelos nativos e levado para a tribo cariri. Porém sua permanência no vale foi de grande aprendizado, principalmente por parte dos índios. Inteligente, valente e hábil, o escravo adquiriu certa ascendência sobre os índios através dos conhecimentos adquiridos inclusive pela convivência com a “civilização” do homem branco, o *Caramuru*⁴.

Acredita-se que foi este escravo quem abriu as portas do Cariri aos portugueses que viviam na Bahia. Estes “invasores”, trazidos pelo escravo através do Rio São Francisco, penetraram as selvas em meio a tribos selvagens e pântanos impenetráveis, cruzando estradas de cunho natural com precipitações, erosões e trilhas, traçadas pela ação do tempo com o pretexto de defender os nativos das constantes guerras travadas entre estes e os inimigos, os *Carius*.

² Designação da principal família de línguas indígenas do sertão do Nordeste do Brasil, e vários grupos locais ou etnias foram ou são referidos como pertencentes ou relacionados a ela.

³ Os fatos relatados foram obtidos no livro “O Padre Cícero que eu conheci”, de autoria de Amália Xavier.

⁴ Apelido que os tupinambás da BA puseram no português Diogo Álvares - náufrago que teria atingido as costas baianas em 1510 - e que significa 'filho do trovão' ou 'dragão do mar'. Notas do Dicionário Aurélio, século XXI.



A expansão do gado, o solo fértil e a abundante água, tornaram a região propícia à ação dos colonizadores e a presença do homem na terra tornou-se necessária. Esta fertilidade do solo propiciou o surgimento de diversas culturas destacando “... o açúcar e o engenho como os principais responsáveis na formação da hierarquia social do vale” DELLA CAVA (1985, P. 31). Somada a estes fatores, a exploração do ouro em Missão Velha também teve sua contribuição para a povoação do vale onde o sertanejo, para fugir das constantes secas que arrancavam a vida e a alma das pessoas, recorria ao vale em busca de um sonho, uma oportunidade, talvez a última, de continuar vivendo.

Entretanto, o fato mais triste ocorrido no vale do Cariri durante sua ocupação, foi a maneira agressiva com que seus primeiros habitantes, até então os donos da terra, os índios cariris, foram expulsos do seu território. Acusados de não submeterem à disciplina e ao trabalho, os cariris foram submetidos à falta de condições de sobrevivência, faltando-lhes água e alimento em sua própria terra.

A cidade do Crato se desenvolveu a partir da aldeia dos cariris, local onde hoje se encontra a Praça da Sé. No final do século XVIII, aparece a cidade do Crato como sendo a mais populosa, além de principal centro comercial do vale⁵. Cidade esta que seria abençoada por testemunhar, em 1844, o nascimento de Cícero Romão Batista, o Padre Cícero. Devido à sua importância no cenário regional, Crato foi considerada a “Pérola do Cariri”. A cidade nasceu e desenvolveu usufruindo as riquezas que a região propiciava, tornando referência na exportação de bens para o árido sertão. Além do principal centro comercial do interior, Crato também se destacava pela distribuição de produtos importados da Europa, favorecendo o estreitamento das relações estabelecidas entre a elite local às capitais Fortaleza e Recife, principal porto atlântico do nordeste.

Dentre os novos “donos da terra”, encontra-se a família do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, descendentes diretos de Caramuru com Paraguassu, que se tornaria um dos primeiros moradores da cidade de Juazeiro de Norte.

Muitos eram os tropeiros que se dirigiam à cidade do Crato para vender e comprar mercadorias. Estes tropeiros vinham de diversas regiões e, no trecho entre Missão Velha e Crato, nas proximidades da Fazenda Tabuleiro Grande, propriedade do Brigadeiro Leandro, a parada era obrigatória. Obrigatória porque eram presenteados

⁵ DELLA CAVA, R. “O Milagem em Joazeiro” (1977, p. 27)



com a sombra das árvores que, generosamente, cediam seus galhos para o abrigo do sertanejo. Este local tornou-se referência para todos os que por ali passavam. Vencidos pelo cansaço da viagem, os tropeiros aproveitavam a paisagem bucólica e acolhedora para aliviar a carga dos burros, transformando a parada num momento de relaxamento e encontro.

Era a sombra do juazeiro.

“O ponto mais pitoresco da fazenda era uma ligeira elevação do terreno, próximo ao rio Salgadinho, onde havia três grandes juazeiros, formando um triângulo e sobressaindo, entre os demais, pelo tamanho de sua fronde e pela beleza do verde de sua clorofila”⁶

Foi assim que tudo começou. O início de uma das maiores cidades do Ceará. Juazeiro do Norte. Na verdade não se tratava apenas de um pé de juá. Eram três, segundo as “lendas” ainda hoje ouvidas entre os moradores da região. Três pés de juá que, de mãos dadas, formavam uma unidade, uma única sombra, um mito. Apresentavam como guardiões do sertão, delimitando seu território, mostrando-se imponente sob suas raízes longas incrustadas nas pedras e calcário do solo sofrido pelo terror das secas. Juazeiros estes providos de sentimentos advindos da cumplicidade com o sertanejo. Juazeiros estes que dão prova de que a vida é possível, mesmo estando mergulhados no silêncio do sofrimento.

Trata-se de um enigma em meio às terras áridas nordestinas. Um mistério que se revelaria, tempos depois, em forma de uma cidade igualmente misteriosa, circundada não apenas pela Chapada do Araripe, mas também por uma atmosfera mística, mítica e devota. Seria a pedra fundamental onde se edificaria a cidade de Juazeiro do Norte.

Para o homem do sertão, um pé de juá é sinônimo de vida. Vida que resiste ao castigo das secas, que, teimosamente mostra sua alma colorida para uma realidade acinzentada. Em “Madeira Matriz”, Gilmar de Carvalho, com muita propriedade e poesia, define Juazeiro como sendo *árvore que congela o tempo*.

“Um juazeiro sempre verde, esperança de vida (...). O juazeiro, ironicamente resplandecente de verde, em meio à hostilidade cinza, como uma enérgica pincelada de cor, um recurso supremo de retórica da imagem, em que o verde não apenas se impõe como a vida, mas também se antepõe e enfatiza o cinza e o ocre da caatinga” (CARVALHO, 1999, p. 19).

⁶ OLIVEIRA, Amália Xavier de. O Padre Cícero que eu conheci. Massangana, Recife, 1989, p. 33-34



Reportando aos versos de Guimarães Rosa, encontramos em “*Os Sertões*”, a sombra do juazeiro como referência vivificante no cenário castigado do solo nordestino:

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. **A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.**” (griffo nosso)

Metaforicamente, o juazeiro se confunde com o homem. Assim como o sertanejo, em suas orações, se estende aos céus, erigindo seus braços na esperança de suas preces se fazerem ouvidas, ele ergue seus galhos ao infinito azul como que suplicando, estabelecendo um elo com aquela gente que encontra abrigo em sua sombra. Braços que rogam, braços que agradecem, braços que abrigam.

Nas sombras destas três árvores, se deu a gênese da cidade-templo. Estabeleceu-se uma relação de interdependência entre a árvore, a cidade e seu fundador, o Padre Cícero. A árvore, metáfora da cidade, seu porte, exuberância e viço, traduzem a pujança e o desenvolvimento econômico da Juazeiro de nossos dias.

Os Frutos do Juazeiro

Estudar a vida e a história de Juazeiro do Norte implica, necessariamente, estudar a vida de seu fundador. A veneração que os poetas locais depositam na figura deste homem é refletida em suas obras literárias.

Segundo OLIVEIRA (2012, p. 4), a vida de Cícero Romão Batista, o “*Padim Ciço*”, carinhosa e orgulhosamente alojada nos corações do povo nordestino, sempre foi permeada por sonhos. Desde seu nascimento até sua morte, “*forças ocultas e misteriosas deram um norte em sua caminhada, conduzindo-o ao caminho da fé e misericórdia, em benefício dos mais pobres e necessitados*”.⁷

Nascido na vizinha cidade do Crato aos vinte e quatro dias do mês de março do ano de mil oitocentos e quarenta e quatro, a trajetória do Padre Cícero é permeada

⁷ Entrevista do Padre Murilo de Sá Barreto, concedida à pesquisadora em março de 2000.



por mistérios que o tornou, desde menino, um ícone de veneração por toda a população nordestina. Entre seus devotos permanece viva a metáfora de que, assim como o menino Deus, o menino Cícero teria uma missão a cumprir nesta terra de pecadores.

Segundo o imaginário popular, a história deste “santo nordestino” está intimamente ligada à da Sagrada Família. São comuns os relatos de que na ocasião do nascimento do padre, Nossa Senhora escolheu o casal Joaquina Vicência Romana e Joaquim Romão Batista, para criar e educar o fundador da cidade de Juazeiro. Segundo o mito, assim que *Dona Quinou*, como era conhecida, deu à luz, um anjo em forma de mulher, apareceu em sua casa com uma criança no colo que seria trocada pelo filho do casal. Esta criança era o padre Cícero, já predestinado a uma grande missão, a de “*salvar a humanidade das armadilhas do inferno*”.

Sua vocação religiosa mostra sinais desde os primeiros anos de sua vida e, em 07 de março do ano de 1864, Cícero ingressa no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Porém, seu comportamento, tido como “estranho” fez com que fosse perseguido e quase expulso pelas autoridades religiosas, entre elas o autoritário Padre Pierre Chevalier, que “*argumentava ser o seminarista, em muitos casos, demasiadamente místico, cabeçudo e, por vezes, audacioso em matéria doutrinária*” (DELLA CAVA, 1976, p. 43).

Joazeiro não passava de um pequeno povoado quando, em 11 de abril de 1872⁸, Padre Cícero, pela primeira vez celebrou uma missa, uma vez que ali não havia sacerdote. O cenário foi a rústica Capela de Nossa Senhora das Dores, um modesto santuário da zona rural, única referência deste distante distrito da cidade do Crato.

Não estava em seus planos permanecer naquela localidade, e sim, voltar para Fortaleza, onde pretendia lecionar. Porém seus planos foram alterados após um sonho que teve, enquanto descansava na escola da comunidade e traduzido por DELLA CAVA, (1976, p. 26):

“13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se envolta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a ‘Última Ceia’ de Leonardo da Vinci. O padre sonhou então que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viraram para olhar o Mestre (...) No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavra a seus Apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. Carregando seus parques

⁸ DELLA CAVA, Ralph. O Milagre em Joazeiro. 1976, p.25.



pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham. Davam a impressão de virem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço ‘para salvar o mundo’ mas, caso os homens não se arrependessem depressa, Ele poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, Ele apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: ‘E você, Padre Cícero, tome conta deles’. ‘Com essa ordem’, contou o padre a um amigo anos depois, ‘acordei e não vi mais nada; mas pensei um pouco e decidi, mesmo errado, a obedecer’”.

Diante dos fatos, a Juazeiro do Norte que hoje encontramos, tem sua fase embrionária em um sonho místico que veio com uma tarefa a ser cumprida. Esta tarefa foi recebida com seriedade pelo jovem sacerdote.

Com sua humildade, bondade e virtuosidade, este “*cura de almas*”, foi cativando os corações dos desordeiros, dos aflitos e suplicantes. Raramente cobrava ao celebrar os sacramentos, coisa rara entre o clero daquela época.

A seca que castigou o nordeste no ano de 1888, adubou o solo para o florescimento da esperança, fazendo com que a população se agarrasse às súplicas, às orações, procissões e promessas, para se livrarem dos horrores da seca.

Nesta ocasião, Padre Cícero, juntamente com outros párocos da região, concretizou a construção da enorme igreja no alto da Serra do Catolé, em homenagem ao Sagrado Coração. Conta-se que chuvas, mesmo esporádicas, passaram a irrigar a aridez do solo. Surge assim o início do mito que envolve o “padrinho do sertão”, considerado pela população, um emissário de Deus.

Porém, foi em 1889 que aconteceu o extraordinário episódio que veio a sacramentar, definitivamente, a reputação de santo que gozava o pároco, devido a suas virtudes religiosas.⁹

⁹ Segundo DELLA CAVA (op. Cit, p. 45), no dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela de Joazeiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam, todas as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma



Este fenômeno, considerado um milagre pelos fiéis, seria uma anunciação do final dos tempos, onde o Messias retornaria à terra para a salvação das almas.

Acusado de charlatanismo, Padre Cícero passou a ser considerado pela igreja uma ameaça à ordem pública, um fanático que atraía multidões igualmente irresponsáveis.

Insatisfeitos com a postura da Igreja, a população encontrou outros meios de demonstrar sua fé e lealdade ao pároco, colocando enormes fotografias do Padre Cícero em suas residências e medalhas com sua imagem rodeando o pescoço. Paralelamente, o povoado de Juazeiro acumulava milhares de romeiros de vinham de todos os cantos, atraídos pela fama do padre milagreiro e ali se instalaram e, em muitos casos, se transformaram em prósperos comerciantes.

Afastado da igreja, Padre Cícero ingressa na política, tornando-se o primeiro prefeito da cidade de Juazeiro do Norte, emancipada em 22 de julho de 1911.

Segundo OLIVEIRA, (2012, p. 13), enquanto amigo, conselheiro, patriarca e padrinho do povo nordestino, Padre Cícero procurou cuidar não apenas da alma de seus fiéis. Preocupação constante em sua trajetória foram as questões sociais que envolviam trabalho e dignidade para as pessoas. Como naquela época Juazeiro recebia milhares de romeiros em busca de acalanto para suas almas, estrategicamente, Padre Cícero incentivou a população local a confeccionar produtos artesanais que serviriam como lembranças da “*terra santa*”. Sob sua orientação, os moradores da vila transformaram suas casas em verdadeiras oficinas. Acontece assim um verdadeiro renascimento cultural e das artes populares, favorecendo a economia local. Aproveitando a mão-de-obra especializada, começa então uma intensa produção de imagens de santos e, principalmente, do próprio Padre Cícero, além de crucifixos, rosários, escapulários etc. Tais fatos corroboram para que o “Padim Ciço” torne-se o legitimador do rico arcabouço constituído pelo ofício das artes na cidade de Juazeiro do Norte.

Após sua morte, em 20 de julho de 1934, intensificou-se a fé no povo nordestino em seu Santo Padroeiro. Atualmente, as romarias à cidade de Juazeiro representam uma das expressões mais fortes e originais da religião no Nordeste brasileiro. Nelas, fundem-se o passado, o presente e o futuro, numa aventura de um povo místico, que luta com as armas de suas crenças. Não se trata da cultura da miséria,



mas sim a cultura que resiste à miséria. No fervor de suas preces, o povo demonstra que o sonho não acabou.

Como pai desta comunidade o Padre Cícero não apenas fê-la nascer, mas também ajudou nos seus primeiros passos, dando-lhe assistência necessária e maturidade. Fê-la uma cidade adulta. A crença numa feliz utopia resultou numa cidade marcada por duas fortes dimensões: Trabalho e Oração.

“Essa apologia do trabalho, em pequena escala e diversificado, contribuiu para atrair para a cidade um grande número de artífices e artistas e é responsável pela riqueza da produção artesanal e pela qualidade da arte popular que Juazeiro apresenta”.¹⁰

Além da riqueza e peculiaridade do artesanato local, Juazeiro ainda é palco de grandes poetas que, através de suas mãos, reproduzem suas histórias e verdades num universo plural, onde todas as vozes são possíveis.

É a forte presença da Literatura de Cordel na região do Cariri.

Este estilo literário constitui em um dos símbolos da identidade cultural do povo nordestino. Dentre muitas cidades nordestinas, encontramos em Juazeiro do Norte solo fértil para a publicação deste estilo literário. A figura do Padre Cícero foi fundamental no processo de construção deste celeiro cultural. Sua figura representa não apenas um instrumento de inspiração para os poetas, mas através dele, Juazeiro transformou-se num foco deromeiros-ouvintes e, conseqüentemente, compradores de folhetos.

Literatura de Cordel

A fim de compreendermos algumas das manifestações culturais dos nossos dias, faz-se necessário um breve retrospecto que nos levará aos idos da Idade Média, uma vez que este período representa o cerne dos tempos modernos e nos dá subsídios para a compreensão da nossa própria história.

Ao contrário do que muitos acreditam, a Idade Média deixou-nos um grande legado. Sofre, porém, de grande preconceito, pois, para muitos, ela continua sendo

¹⁰ CARVALHO, G. (1998, p.61)



rotulada como a idade das trevas, onde a humanidade vivenciou o terror da peste e das fogueiras da Inquisição.

Grandes foram as contribuições que herdamos deste período. Entre elas encontramos a literatura medieval, que era representada principalmente pelas novelas de cavalaria e trovadorismo. Em sua maioria, as novelas retratavam temas de cunho religioso que a Igreja apropriava como instrumento de doutrina. Porém, o cenário era favorável ao surgimento de assuntos do cotidiano como aventuras dos cavaleiros medievais, sua bravura, fidelidade ao rei, a defesa dos fracos e histórias de amor. Tanto na literatura, quanto no teatro, a Igreja continua presente na cultura medieval, sendo palco e fonte inspiradora. Aos poucos, o teatro toma como cenário os adros das igrejas para depois chegar às ruas, em seus palcos provisórios. Apesar de proibidas pela Igreja, estão presentes neste período as companhias itinerantes, representadas pelos trovadores de poemas e canções de caráter épico, romântico ou dramático, acrobatas e menestréis. Assim, o teatro, antes com temática religiosa, foi perdendo importância e foi modificando, cedendo espaço ao teatro profano que, na verdade, teve sua origem dentro dos gêneros teatrais litúrgicos.

“Durante a Idade Média na Europa, tínhamos trovadores, menestréis e jograis andando de um castelo para outro, visitando os burgos importantes, os mercados e os centros de peregrinação. Eram eles os artistas de variedades (entretenedores) e os jornalistas daquele tempo” (LUYTEN, 1996, p. 04).

Em suas andanças, estes trovadores foram reproduzindo fatos heroicos e imaginários e, em função do seu caráter mágico e encantador, conquistaram o sertão brasileiro. Muitos dos títulos da literatura de cordel que ainda hoje encontramos espalhados pelas feiras tiveram suas origens nas cantigas satíricas de escárnio e maldizer¹¹, narrando façanhas medievais.

Analisando os folhetos de cordel portugueses, a pesquisadora Jerusa Pires Ferreira observa:

“a presença de determinados componentes, que se repetem, e que se fazem, portanto invariantes no rol de possibilidades de um texto cavaleiresco, ficou patente que eles se realizam muito fielmente, em

¹¹ Entende-se por cantiga de escárnio aquela que continha uma sátira indireta, sutil e, por vezes, valendo-se da ambigüidade como subterfúgio das acusações. Já a Cantiga de Maldizer, é composta por sátira direta, agressiva contundente, em linguagem objetiva, sem nenhum disfarce.



espécimes da literatura dita de cordel, que se continua a produzir, no nordeste brasileiro”.¹²

Desta forma, estes componentes resultaram na aproximação da cultura da Idade Média européia e a cultura do sertão nordestino, estabelecendo um diálogo entre cenários e repertórios distintos.

José Rivair Macedo, em sua obra *“Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média”* (UNESP, 2000) trabalha com o “cômico”, estabelecendo alguns paralelos entre a cultura medieval e a cultura ocidental de nossos dias, onde conclui:

“Parte dos elementos do riso medieval subsiste nas tradições populares ocidentais. Nesse sentido, o carnaval parece continuar a ser o principal legado deixado à posteridade. Aspectos do riso ritualizado também podem ser verificados entre nós. Aquilo que, mesmo no Brasil atual, pode nos parecer bizarro, como as ‘folias de reis’, as mascaradas e danças rituais realizadas nas áreas rurais, ou o costume de ‘beber o morto’ dentro do cerimonial fúnebre do sertão, atesta o quanto, aqui e agora, o riso continua a desempenhar o seu papel como fenômeno coletivo sedimentador de identidades socioculturais. O riso medieval, sem qualquer dúvida, não é o nosso. Mas o nosso riso, apesar das vicissitudes e mudanças, tem algo daquele tempo.”.

Dentro da Literatura de Cordel encontramos o que chamamos de “tradição” que são os folhetos que vieram da Europa e chegaram ao Brasil onde se adaptaram e tornaram os clássicos desta literatura. Os temas abordados eram diversos. Inicialmente, pela sua própria origem, falou-se muito em contos medievais, história de *“Carlos Magno e os Doze Pares de França”*, *“A Princesa Malagone”*, a *“Donzela Theodora”* e tantos outros temas envoltos num imaginário trazidos na bagagem dos colonizadores. Aos poucos, os poetas populares brasileiros foram dando um caráter regional a esta literatura, agregando a ela valores de sua própria cultura.

Esta literatura foi adquirindo novas formas, incluindo em sua temática aspectos do cotidiano e sentimentos dos próprios nordestinos, como é o caso dos heróis, da religiosidade, do misticismo, da vida campestre, da política, dos crimes, do cangaço, das histórias de amor etc.

¹² FERREIRA, Jerusa P. Cavalaria em Cordel. 1979, p. 1-2.



Versejando pelas terras do sertão

Ao contrário do que muitos pensam, a Literatura de Cordel não é um fenômeno exclusivamente brasileiro. De origem lusitana¹³, a Literatura de Cordel existe no Brasil há mais de 100 anos e é uma das mais fortes expressões da cultura nordestina. Não podemos, entretanto, acreditar que os portugueses que aqui chegaram não traziam em suas bagagens, valores de outros povos.

“É evidente que o romanceiro que nos veio de Portugal não era exclusivamente lusitano; aí tinha chegado por várias fontes. Era assim peninsular, tanto que se divulgou também nas partes de colonização espanhola na América. Na cultura popular dos países hispano-americanos encontramos os traços da presença desse romanceiro, não raro as mesmas narrativas, sobretudo as novelas tradicionais, que se espalhavam pela Europa. Também na área de origem espanhola os versos que correspondiam ao português na literatura de cordel igualmente aparecem, do que ainda hoje persistem alguns traços”. (DIÉGUES Jr, 1977, p.3).

A Literatura d Cordel no Brasil “*brotou e floresceu assentada sobre as bases de uma sociedade patriarcal, com relações de compadrio, cangaço, seca e misticismo religioso*”.¹⁴ Atribuindo-lhe características regionais, o poeta retratou esta realidade através de suas narrativas, fazendo do Nordeste brasileiro o principal foco deste gênero literário. Vários foram os motivos que fizeram do Nordeste brasileiro o principal nicho desta literatura. Ainda contemplando DIÉGUES Jr (1977, p.06) vemos que:

“No Nordeste (...), por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular”.

¹³ Muitos são os estudos encontrados para elucidar a questão da origem da Literatura de Cordel. Em nosso trabalho, não ateremos nesse campo de discussão, uma vez que o que mais nos interessa é a maneira como esta literatura se apresenta nos dias atuais. Alguns autores, como é o caso de Márcia Abreu, em sua obra “*Histórias de Cordéis e Folhetos*” (1999) abrem caminho para tais questionamentos, confrontando a literatura de cordel portuguesa com o folheto nordestino.

¹⁴ Extraído do texto de concepção da *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”*, abril de 2000, pg 2



Em cada lugar em que esteve presente, esta literatura assumiu características e nomenclaturas peculiares, o que comprova a amplitude e diversificação desta cultura. Segundo Diegues (1977, p. 05), na França, era conhecida como *littérature de colportage* que significa literatura volante. Na Inglaterra os folhetos eram conhecidos como *cocks* ou *catchpennies*, para histórias fictícias e *broadsides* para os relatos históricos. Na Espanha eram os *pliegos suletos*. Em Portugal, já no século XVII, o nome dado era *folhas soltas* ou *folhas volantes*.

No Brasil, a questão da nomenclatura gera divergências entre poetas e pesquisadores. Muitas foram as denominações atribuídas a esta literatura, passando por “folheto”, “livrinho de feira”, “histórias matutas”, “romance”, “verso”, “poema”, entre outras.

Durante muitos anos, esta literatura permaneceu no universo da oralidade. Somente depois de Gutenberg, com o advento da imprensa no século XV, estas narrativas ganharam um novo suporte, o papel. É a metamorfose acontecendo no momento em que a voz ganha um corpo físico. Porém, esta transição não aconteceu de paulatinamente. Recorrendo à contribuição de LUYTEN (1996, p. 4), o pesquisador ressalta que “principalmente no Brasil, onde os sistemas de imprensa somente foram introduzidos em 1808, as formas orais de comunicação perduraram muito mais tempo entre as classes populares”.

Para Márcia Abreu (1999, p. 68), “a aproximação com as narrativas (...) parte das estratégias de criação ou de adaptação de narrativas visando a assimilação dos folhetos por públicos não completamente familiarizados com a escrita”.

De acordo com Luyten, apesar de ser uma das últimas a surgir no ocidente, a Literatura de Cordel brasileira, “(...) é a que perdura com vigor até hoje. Em seu movimento de adaptação a novas circunstâncias, pode superar, em muito, a vida que tiveram suas congêneres” (1996, p. 173).

Sua fixação no nordeste se deu somente no final do século XIX, momento em que surgem “os versos em sextilhas ou setilhas, impressos nas pequenas tipografias, obsoletas para os grandes centros, lidos nas feiras, muitas vezes, por vendedores analfabetos, para platéias absortas”.¹⁵ (DIÉGUES Jr., 1977, p. 03)

¹⁵ “Diário do Nordeste”, em 24 de março de 2002.



Esta poesia penetrou nas mais longínquas terras do sertão nordestino, contemplando uma infinidade de públicos-leitores e ouvidores, desde os grandes fazendeiros até as classes mais empobrecidas que, mesmo os iletrados, eram plateia para os versos cantados ou recitados.

“(...) são histórias que quebram a solidão do trabalhador rural, ajudando-o, ao mesmo tempo, a suportar a sua miséria atual, por um mecanismo de projeção que o identificam com os heróis da narrativa. Costumam ser lidos e relidos nos momentos de folga do trabalhador, por algum membro da família, por um amigo, ou qualquer pessoa da localidade que saiba ler”. (CAMPOS, 1959, p. 10)

No cordel, tido por muitos como o “*jornal do sertão*”, o leitor busca, através dos versos, sua própria verdade. Ele procura sua identidade, reproduzindo-a de acordo com sua realidade. O poeta, por sua vez, estabelece um elo entre o real e o imaginário. Isto se dá através de alguns poemas inspirados em notícias advindas de outros meios, como é o caso dos jornais, do rádio e da televisão.

Apesar de alguns apocalípticos terem dito o contrário, esta literatura continua viva. Neste contexto, Mário Souto Maior (1978, p. 26) afirma:

“Andam apregoando a morte da literatura de cordel, como uma decorrência da tecnologia, da industrialização, do progresso. A verdade é que os tempos são outros, os meios de comunicação usados atualmente são os mais diversos e mais rápidos; mas, no sertão e também na zona da mata e na zona do agreste do Nordeste, o homem do povo continua fiel às suas tradições, aos seus costumes e a todas as demais manifestações folclóricas. Os folhetos continuam sendo vendidos nas feiras do interior e até mesmo nas cidades grandes, fiéis à sua missão de distrair e folk-comunicar o que vai acontecendo nos quatro cantos do mundo”.

Conclusão

A Literatura de Cordel continua cumprindo seu papel social pelas terras do sertão nordestino. Em função da peculiaridade local, este traço cultural encontrou solo fértil em terras áridas. Mesmo com funções distintas, o Cordel atua como instrumento de divulgação da arte popular, agregando valores culturais, sociais e econômicos.

O Cordel é palavra encantada, compartilhada. Trata-se de uma prática social contextualizada com seu tempo. Eis um trunfo para sua resistência.



Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia. "Histórias de cordéis e folhetos". Campinas : Mercado de Letras, 1999.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. "Pentateuco Nordestino". São Paulo : Editora: Brasbiblos, 1972.
- BELTRÃO, Luiz. "Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo : Cortez, 1980.
- BAKHTIN, Mikhail. "A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais". 2 ed. São Paulo : Hucitec, 1993.
- CAMPOS, Renato Carneiro. "Ideologia dos poetas populares do Nordeste". Recife : 1959.
- CANCLINI, Nestor García. "Culturas Híbridas: estratégias para Entrar e Sair da Modernidade". 3 ed. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CARVALHO, Gilmar de. "Madeira Matriz". São Paulo : Annablume, 1998.
- CARVALHO, Gilmar de. "Publicidade em Cordel". São Paulo : Maltese, 1994.
- DELLA CAVA, Ralph. "O milagre em Joazeiro". Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.
- DIÉGUES Jr, M. "Literatura de Cordel". Cadernos de Folclore. Rio de Janeiro : MEC, 1975.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. "Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa". 3 ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Jerusa P. "Cavalaria em Cordel". São Paulo : Hucitec, 1979.
- LUYTEN, Joseph M.. "A notícia na literatura de cordel". São Paulo : Estação Liberdade, 1996.
- LUYTEN, Joseph M.. "O que é Literatura Popular". 4 ed. v. 98. São Paulo : Ática, 1988.
- MACEDO, J. Rivair. "Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média". São Paulo : UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Amália Xavier de. "O Padre Cícero que eu conheci". Recife : Ed. Massangana, 1989.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. "A Ideologia do Cordel". Rio de Janeiro : Brasília, 1977.
- REVISTA CULT. "Cordão, cordel, coração". Nº 54 de janeiro de 2002.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. "A mulher no barbante: os narradores na poética feminina em cordel". Dissertação defendida em 2002, pela Universidade Regional do Cariri.
- TERRA, Ruth Brito L. "Memórias de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste". São Paulo : Global, 1983.
- OLIVEIRA, Maria J. "Benditos sejam: uma nova maneira de perceber a Literatura de Cordel". In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO; Belo Horizonte. Anais eletrônicos, 2003.
- OLIVEIRA, Maria J. "O Santo Nosso de Cada Dia: A Religiosidade Popular através da vida e obra do Padre Cícero". In: FOLKCOM; XV CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO. Campina Grande-PB. Anais eletrônicos, 2012.